

### Ciência, epistemologia e estudos de gênero na Universidade Federal do ABC: relato sobre iniciativas para o fomento e institucionalização de uma área de pesquisa interdisciplinar

**Charles Morphy Santos**

Universidade Federal do ABC [UFABC], Santo André, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [charles.santos@ufabc.edu.br](mailto:charles.santos@ufabc.edu.br).

**Cristina Fróes de Borja Reis**

Universidade Federal do ABC [UFABC], Santo André, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [cristina.reis@ufabc.edu.br](mailto:cristina.reis@ufabc.edu.br).

**Marília Mello Pisani**

Universidade Federal do ABC [UFABC], Santo André, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [marilia.pisani@ufabc.edu.br](mailto:marilia.pisani@ufabc.edu.br).

**Ana Carolina Boero**

Universidade Federal do ABC [UFABC], Santo André, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [ana.boero@ufabc.edu.br](mailto:ana.boero@ufabc.edu.br).

**Soraya Aparecida Cordeiro**

Universidade Federal do ABC [UFABC], Santo André, São Paulo, Brasil. Contato com o autor: [soraya.cordeiro@ufabc.edu.br](mailto:soraya.cordeiro@ufabc.edu.br).

\* Os autores agradecem à Patricia Kiss Spineli (Unicamp) pela leitura e sugestões no manuscrito e à Reitoria da UFABC pela criação do GT, cujos resultados foram apresentados aqui. Trabalho parcialmente financiado pelo CNPq (#305630/2016-4, CMDS).

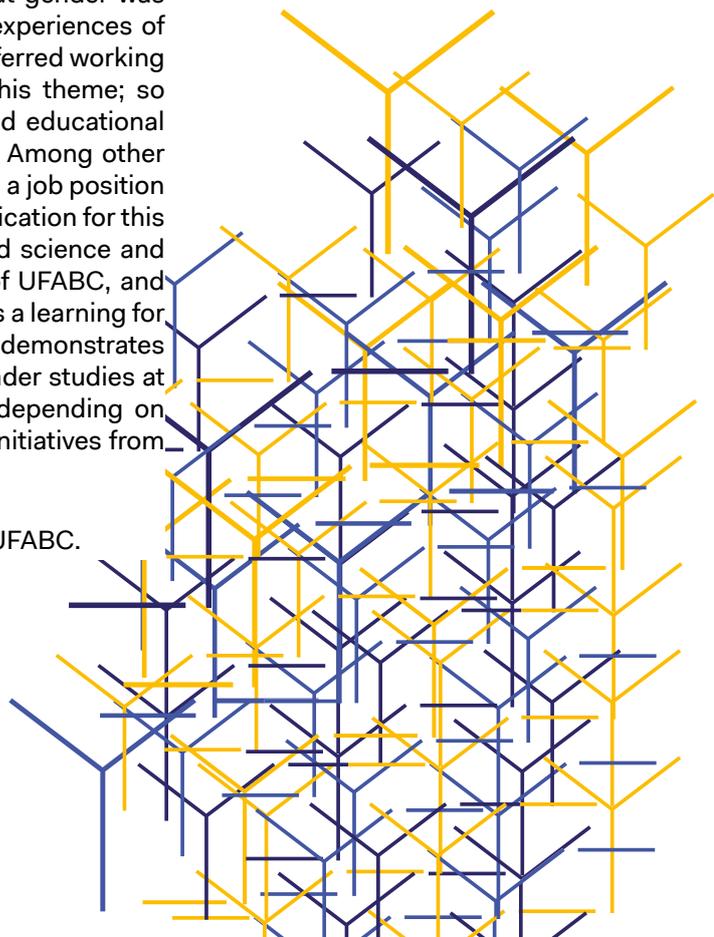
**Resumo:** O objetivo do presente artigo é apresentar o histórico do debate sobre a questão de gênero na Universidade Federal do ABC (UFABC), descrevendo a gênese, a operação e os resultados do Grupo de Trabalho de Gênero, tomando-se epistemologias feministas como referencial metodológico, especialmente o conceito de conhecimento situado. Do ponto de vista docente, tal debate de gênero vinha sendo travado na UFABC a partir de esforços individuais e de experiências do cotidiano adversas às mulheres. Reforçar o caráter científico desse tema foi uma das motivações para que fosse criado um grupo de trabalho voltado a estudos de gênero, ciência e políticas educacionais, ratificado pelo Conselho Universitário da UFABC. Dentre outros resultados, após sessenta dias, o GT apresentou uma proposta de abertura de vaga de concurso intitulada “Ciência, epistemologia e estudos gênero”. A justificativa para essa posição relacionou-se especialmente à necessidade do debate em torno das *hard science* e os estudos de gênero. Aprovada em todas as instâncias da UFABC, a vaga foi aberta na área Interdisciplinar em 2017. Como aprendizado para o fortalecimento acadêmico institucional e científico, o artigo demonstra que a abertura de posições mais inovadoras na universidade com relação aos estudos de gênero requer mobilização e capacidade de execução, dependendo tanto dos seus valores institucionais quanto do espaço para surgirem iniciativas de sua comunidade..

**Palavras-chave:** Ciências duras. Desigualdade. Feminismo. Humanidades. UFABC.

**Abstract:** Abstract: Science, epistemology and gender studies at the Federal University of ABC: an account on initiatives to foment and institutionalize an interdisciplinary research area.

The aim of this paper is to present the history of the debate on gender at the Federal University of ABC (UFABC), describing the genesis, operation and results of the Working Group on Gender (WGG). Feminist epistemologies are taken as the methodological approach, especially the concept of situated knowledge. From the teaching point of view, the debate about gender was being held in UFABC by individual efforts and daily adverse experiences of women. Therefore, one of the reasons for the creation of the referred working group was the strengthening of the scientific character of this theme; so that the group was focused on studies of gender, science and educational policies, such as ratified by the University Council of UFABC. Among other results, after sixty days, the WGG presented a proposal to open a job position entitled “Science, epistemology and gender studies”. The justification for this position was especially related to the need for debate on hard science and gender studies. The proposal was approved in all instances of UFABC, and the position was opened in the Interdisciplinary area in 2017. As a learning for institutional and scientific academic strengthening, the paper demonstrates that the opening of more innovative positions in relation to gender studies at the university requires mobilization and execution capacity, depending on both its institutional values and on the space for the surge of initiatives from its community.

**Keywords:** Hard Sciences. Inequality. Feminism. Humanities. UFABC.



## 1. Introdução

A Universidade Federal do ABC, com dois *campi* localizados nas cidades de Santo André e São Bernardo do Campo, região metropolitana de São Paulo, foi criada em 2006. Seu projeto pedagógico original (UFABC, 2006) baseou-se na possibilidade de construção do conhecimento em torno de eixos interdisciplinares – Estrutura da Matéria, Energia, Processos de Transformação, Comunicação e Informação, Representação e Simulação, e Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas. Todos os alunos ingressam em um dos dois Bacharelados Interdisciplinares (em Ciência e Tecnologia ou em Ciências e Humanidades), optando *a posteriori* por cursos de graduação específicos. Em termos administrativos, a UFABC também reflete a necessidade de se pensar a gestão universitária para além da departamentalização presente em instituições de ensino superior tradicionais. Assim, a organização acadêmica da UFABC se baseia em três Centros: Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH); Centro de Matemática, Computação e Cognição (CMCC) e Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS).

A interdisciplinaridade (GUATARI, 1989; POMBO et al., 1994), que está no cerne dos debates acadêmicos e filosóficos da UFABC, procura romper as barreiras que dividem os diferentes campos do conhecimento. A compreensão da natureza e das relações entre o micro e o macrocosmo, seja do ponto de vista da diversidade biológica, das forças físicas que estruturam o universo ou das relações de poder entre os diversos atores nas sociedades humanas, dadas suas complexidades intrínsecas, exigem soluções integrativas que avancem para além dos conteúdos disciplinares. Nesse contexto inserem-se também as discussões sobre desigualdades, sejam elas entre as várias espécies sencientes (SINGER, 1999; FRANCIONE, 2013; SANTOS, 2015), raciais (MEMMI, 1973; PAIXAO, 2002) ou de gênero (e.g., KELLER, 1985; JACOBS, 1996; SEN, 2001). Institucionalmente, ao menos dois desses conjuntos de problemas, a questão das desigualdades raciais e de gênero – complexos demais para serem tratados por uma área específica, demandando, portanto, a integração de conhecimentos diversos –, têm sido foco de interesse da comunidade acadêmica da UFABC.

Nos últimos anos, a UFABC vem desenvolvendo políticas mais efetivas de combate à violência racial e de gênero, muito em resposta às demandas da comunidade acadêmica em todos os seus níveis. A partir de 2015, um episódio de violência sexual contra uma estudante desta universidade, ocorrido nas proximidades do *campus* de Santo André, despertou a comunidade acadêmica para o fato de não se ter mecanismos institucionais e nem especialistas sobre gênero na UFABC. Nesse sentido, inicialmente, o Conselho Universitário (ConsUni) criou uma comissão para discutir a violência de gênero nos *campi*. Em 2016, a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Políticas Afirmativas (PROAP) criou a Coordenadoria de Direitos Humanos, que se tornou centro catalisador das atividades relacionadas a gênero da universidade.

Conscientes da necessidade de mobilização, um grupo cada vez maior de mulheres da comunidade acadêmica, técnicas-administrativas, discentes e docentes, organizou a Semana

da Mulher, comemorativa ao 8 de março de 2017. Ao olhar para a realidade da UFABC, tornou-se público o fato de que as mulheres representavam cerca de um terço da comunidade acadêmica, percentual que se repetia nas categorias discentes e docentes (dados de fevereiro de 2017). Atentos à necessidade de melhorar a representatividade das mulheres, por um lado, e de propiciar igualdade de gênero, de outro, os conselhos universitários progressivamente instauraram vias de ações nesse sentido.

No primeiro semestre de 2017, o ConsUni aprovou uma moção de repúdio ao machismo na UFABC e a formação de dois Grupos de Trabalhos (GTs) sobre as relações de gênero. O primeiro, com intuito de estudar a criação de políticas institucionais de gênero. O segundo, focado na relação entre estudos de gênero, ciência e políticas educacionais. Um dos principais objetivos deste segundo GT, foco do presente artigo, foi o de dialogar com a comunidade da UFABC no sentido de reforçar a importância da contratação de docentes, responsáveis por pesquisa/ensino/extensão, especializados em estudos de gênero e suas relações com as assim chamadas *hard sciences* e as ciências humanas. Como afirma Arditti (1980), uma perspectiva de gênero (e feminista) de ciência é fundamental para converter a busca científica e tecnológica “livre de valores” em um compromisso humano de contribuir para a distribuição justa dos bens materiais e da própria educação, conforme sugere o campo de Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), que investiga os aspectos sociais da ciência e tecnologia no que se aplica a fatores sociais que influenciam a mudança técnica-científica e as consequências sociais, ambientais, econômica, políticas das mesmas (BAZZO et al., 2003).

Nesse sentido, foi definido pelo GT como melhor estratégia a busca pela abertura de vagas organizadas em torno da possibilidade de investigação de temas como conhecimento objetivo e situado (HARAWAY, 1988), diversidade biológica, meio ambiente e gênero (VETTER, 1976; KELLER, 1987; BOWLER, 2009), história da ciência e tecnologia de uma perspectiva de gênero (LAURETIS, 1994; SCHIEBINGER, 2001; KELLER, 2006) e epistemologias feministas (HARDING, 1986, 1993; JAGAR & YOUNG, 1999).

Estes trabalhos estão no centro de uma abordagem da ciência que leva adiante a crítica à neutralidade científica e a questão da representação feminina nas ciências: “[q]ueríamos uma maneira de ir além da denúncia da ciência enviesada (o que, aliás, era muito fácil), e além da separação das boas ovelhas científicas dos maus bodes do viés e do abuso” (HARAWAY, 1995, p. 13). A própria noção de objetividade científica, a distinção sujeito e objeto, a questão da verdade, da universalidade e do relativismo no conhecimento científico estão no foco de suas abordagens: “(...) apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto” (p. 21). Como defende Sardenberg (2002), as epistemologias feministas, teorias críticas feministas sobre o conhecimento, historicizam a ciência, voltando-se para a análise de como as categorias de gênero têm historicamente influenciado os conceitos de conhecimento, sujeito cognoscente, justificativas e práticas de investigação ditas científicas. Disse-se epistemologias no plural porque não constituem um domínio único e em equilíbrio;

antagonicamente, representam um espaço de dúvida acerca do que é considerado “conhecimento”, quem o define e como este é capturado pelo sujeito do conhecimento (HARDING, 1986, apud NARVAZ; KOLLER, 2006).

Nesse sentido, a “forma” científica abstrata e impessoal é tensionada por um modelo de conhecimento que se reconhece como parcial e tira daí a sua força: “[g]ostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados” (p. 18). A ideia de um saber corporificado implica em tomar o conhecimento e o corpo como objetivos ao mesmo tempo que parciais, lutando contra uma concepção transcendente de ciência e permitindo tornar visíveis as intenções, os valores, os interesses e as práticas que estão na base de toda produção de conhecimento: “(...) saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia” (p. 22-23).

Tomando como ponto de partida este referencial teórico-metodológico, o presente artigo visa não apenas apresentar uma descrição neutra das ações tomadas pelos membros da comunidade na UFABC e as ações institucionais. Ao mobilizar a experiência coletivamente compartilhada em torno das práticas e ações dos grupos, pessoas e instituições, o que emerge é um modelo de conhecimento em que o saber se ancora no corpo e coloca em movimento seus fundamentos metodológicos num duplo agenciamento entre experiência vivida e produção de conhecimento. Neste sentido, os relatos de experiências ganham um estatuto de conhecimento relevante porque interessado e compartilhável, pois diretamente envolvido com a dimensão ética e política que impulsiona a racionalidade científica.

Ao apresentar um histórico dos debates e das políticas sobre a questão de gênero nos conselhos superiores da UFABC e descrever a criação e a operação do GT referido acima, assim como os resultados alcançados nos seus dois meses de trabalho, especialmente no que tange à abertura de vagas para a contratação de docentes na área, este artigo pretende lançar uma “visão corpórea” em que um conhecimento emerge das práticas e percursos vividos coletivamente, de onde deriva sua objetividade, seu sentido e sua força.

Portanto, o debate iniciado na Universidade, a partir das experiências conflituosas vividas, levou ao encontro de referenciais metodológicos mais adequados para expor o percurso que está na base deste artigo. Percurso é, ele mesmo, o sentido do conhecimento produzido: não um conhecimento desinteressado, mas aquele que permite adensar o debate sobre gênero em adequação às necessidades vividas pela comunidade e em consonância com os pilares da universidade (interdisciplinaridade, inclusão e excelência). Neste sentido, a comunicação e a informação estão no âmago deste relato, entendendo sua relevância para a construção do conhecimento. A abertura do campo científico para posições mais inovadoras requer mobilização, conscientização e capacidade de execução, sendo que as possibilidades de avanço dependem de valores institucionais, de espaço para as iniciativas de comunidades universitárias.

## 2. Breve histórico do debate sobre a questão de gênero nos conselhos da UFABC

Em dezembro de 2015, em reunião do ConsUni, diversos coletivos organizados na Universidade solicitaram a palavra para denunciar a presença de pichações racistas e homofóbicas encontradas no *campus* de São Bernardo. Foram também relatados casos de assédio sexual sofridos por mulheres da comunidade por parte de trabalhadores das obras em andamento da UFABC – na ocasião, constatou-se a ausência de mecanismos institucionais de combate à violência de gênero. O episódio não somente possibilitou a maior presença da questão de gênero em atividades acadêmicas, como também reuniu um grupo de mulheres, principalmente (mas também homens) preocupadas com o tema, que espontaneamente passaram a catalisar temáticas femininas institucionais e científicas.

Em abril de 2016, em reunião do ConsUni, houve intensa discussão sobre a violência contra mulher no interior dos *campi* (e também no seu entorno), partindo da comunicação de um caso de estupro de estudante ocorrido nos arredores da universidade. Ainda, foi criada uma comissão para o enfrentamento da questão de insegurança das mulheres e violência sexual dentro e fora da UFABC.

Em maio de 2016, em reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (ConsEPE) da UFABC, foram feitos outros relatos de casos de violência contra a mulher no âmbito da universidade. Perante tal situação, surgiram ideias por parte dos coletivos femininos para o enfrentamento dessas questões: criação de disciplinas obrigatórias para todos os cursos de graduação e pós-graduação da UFABC que tratassem das questões de gênero e cultura do estupro; incentivo à criação de projetos de extensão universitária que lidassem com questões de gênero, para os quais houvesse reserva orçamentária garantida e prêmios de intervenção social; promoção de diálogos com entidades especializadas no combate à violência de gênero e incentivo à participação de toda a comunidade nesse tipo de atividade; e a construção de bancos de dados de estatísticas e referencial teórico-prático que abordassem questões de gênero, machismo e misoginia.

Em junho de 2016, a comissão para o enfrentamento da questão de insegurança das mulheres apresentou seu relatório final ao ConsUni. Foram discutidas a falta de um canal de comunicação para esse fim, o despreparo do serviço de segurança terceirizado para lidar com as questões de violência contra a mulher, a escassez de espaços para debate sobre essas questões e a ausência de uma cultura que priorizasse a igualdade de gêneros na UFABC. Mencionou-se a possibilidade de se instituir uma comissão permanente capaz de estudar as questões de gênero, bem como para capacitar servidores e funcionários terceirizados em tais assuntos. Propôs-se também a utilização de eventos realizados pela UFABC, como aulas magnas e seminários, para tratar de questões de gênero.

Um novo episódio de violência contra mulher, desta vez por parte da polícia em 2016 nas ruas de São Paulo, levou à formação de uma rede de solidariedade entre alunas, técnicas e docentes, muitas delas já participantes de movimentos feministas diferentes, acadêmicos e

da sociedade civil, outras que a partir dali se engajaram na causa. Conscientes da necessidade de mobilização, o grupo organizou atividades para a Semana da Mulher comemorativa ao 8 de março de 2017, com apoio de diversas entidades, entre elas, a PROAP, o Núcleo de Estudos Estratégicos sobre Democracia, Desenvolvimento e Sustentabilidade (NEEDDS), o Sindicato dos Trabalhadores da UFABC (SinTUFABC), a Associação dos Docentes da UFABC (ADUFABC), os coletivos feministas Vozes e Olga Benário – todas entidades de liderança feminina. Foram organizadas palestras, mesas redondas, oficinas e intervenções artísticas das relações da mulher com a ciência, família, trabalho, sociedade. Foi então que se constatou que as mulheres representavam cerca de um terço da comunidade acadêmica, percentual que se repetia nas categorias discentes e docentes, sendo de 43% na de técnicos-administrativos, e ampla maioria entre trabalhadores terceirizados (dados de fevereiro de 2017).

Então, em fevereiro de 2017, em reunião da Comissão de Vagas, durante a apresentação do relatório do GT sobre vagas remanescentes para concursos docentes na UFABC, houve a primeira intervenção sobre a baixa representatividade das mulheres no corpo docente (em média de 33%, relativamente homogênea nos três Centros constituintes da Universidade) (Tabela 1). Ficou clara, assim, a necessidade de a instituição atentar para o problema relacionado à tal desigualdade. Em seguida, foi aprovada uma nota de recomendação para que as comissões julgadoras da contratação de docentes para o Magistério Superior primassem pela igualdade de gênero.

**Tabela 1.** Participação de homens e mulheres no corpo docente da UFABC, por cargo, 2017.

Centros e Cargo	Quantidade			Participação %	
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens
<b>CCNH</b>	<b>70</b>	<b>121</b>	<b>191</b>	<b>37%</b>	<b>63%</b>
Professor Adjunto - Nível I	5	9	14	36%	64%
Professor Adjunto - Nível Ii	6	5	11	55%	45%
Professor Adjunto - Nível Iii	16	26	42	38%	62%
Professor Adjunto - Nível Iv	20	30	50	40%	60%
Professor Adjunto-A - Nível I	8	15	23	35%	65%
Professor Adjunto-A - Nível Ii	2	5	7	29%	71%
Professor Associado - Nível I	5	17	22	23%	77%
Professor Associado - Nível Ii	6	11	17	35%	65%
Professor Associado - Nível Iii	0	1	1	0%	100%
Professor Titular	2	2	4	50%	50%
<b>CECS</b>	<b>100</b>	<b>216</b>	<b>316</b>	<b>32%</b>	<b>68%</b>
Professor Adjunto - Nível I	5	14	19	26%	74%
Professor Adjunto - Nível Ii	7	13	20	35%	65%
Professor Adjunto - Nível Iii	25	23	48	52%	48%
Professor Adjunto - Nível Iv	18	62	80	23%	78%

Professor Adjunto-A - Nível I	28	60	88	32%	68%
Professor Adjunto-A - Nível Ii	10	9	19	53%	47%
Professor Associado - Nível I	5	17	22	23%	77%
Professor Associado - Nível Ii	1	7	8	13%	88%
Professor Associado - Nível Iii	0	2	2	0%	100%
Professor Titular	1	9	10	10%	90%
<b>CMCC</b>	<b>40</b>	<b>91</b>	<b>131</b>	<b>31%</b>	<b>69%</b>
Professor Adjunto - Nível I	2	6	8	25%	75%
Professor Adjunto - Nível Ii	6	8	14	43%	57%
Professor Adjunto - Nível Iii	6	18	24	25%	75%
Professor Adjunto - Nível Iv	11	26	37	30%	70%
Professor Adjunto-A - Nível I	5	8	13	38%	62%
Professor Adjunto-A - Nível Ii	3	6	9	33%	67%
Professor Associado - Nível I	3	10	13	23%	77%
Professor Associado - Nível Ii	1	4	5	20%	80%
Professor Associado - Nível Iii	1	0	1	100%	0%
Professor Associado - Nível Iv	2	1	3	67%	33%
Professor Titular	0	4	4	0%	100%
<b>Total Geral</b>	<b>210</b>	<b>428</b>	<b>638</b>	<b>33%</b>	<b>67%</b>

Fonte: Superintendência de Gestão de Pessoas - SUGEPE (<http://www.ufabc.edu.br/servidor/portal-do-servidor>).  
 Dados extraídos em março de 2017.

Em março de 2017, em reunião do ConsUni, atividades da Semana de Luta das Mulheres organizadas na Universidade foram discutidos e relatados diversos episódios de violência ocorridos durante o evento, que levaram à aprovação de uma moção contra o machismo na UFABC. Como citado acima, o ConsUni aprovou a formação de dois GTs sobre as relações de gênero. O primeiro, com intuito de estudar a criação de políticas institucionais de gênero, e o segundo, tinha o objetivo de discutir e apontar possibilidades para a abertura de linhas de investigação na universidade que buscassem o diálogo entre estudos de gênero, ciência e políticas educacionais, buscando promover a igualdade de gênero e o aumento da representatividade feminina na categoria docente da UFABC. As discussões ocorridas no âmbito deste GT são apresentadas abaixo.

### 3. O Grupo de Trabalho e representatividade feminina no corpo docente

Nos últimos anos, uma onda conservadora tem “sequestrado” mentes no Brasil em muitos estratos sociais e políticos (FERNANDES, 2017), ecoando guerras culturais contemporâneas disseminadas pelo mundo (NAGLE, 2017). Esse conservadorismo resultado da ressurreição de extremismos há muito silenciados, travestidos de defesa de motes genéricos como a

“liberdade de expressão” e o “politicamente incorreto”, também tem contaminado os debates universitários em todos os níveis. Tal acirramento de posições sócio-políticas, no que se refere ao incentivo ao desenvolvimento de estudos de gênero e assuntos afins na UFABC, tem feito com que fortes resistências à abertura de uma área de investigação em feminismos de distintas matizes ganhassem vulto. Essa foi uma das motivações para que alguns docentes da UFABC fomentassem a criação de um grupo de trabalho voltado a estudos de gênero, ciência e políticas educacionais, GT esse ratificado, conforme discutido acima, pela reitoria da universidade no primeiro quadrimestre de 2017.

O GT criado teve como membros representantes dos três Centros da UFABC. O objetivo fundamental do GT foi o de estudar a possibilidade de abertura de vagas para concursos docentes relacionados à ciência, epistemologia, tecnologia, estudos de gêneros e assuntos relacionados. Essas vagas viriam somar-se aos esforços iniciados na UFABC em anos passados para discutir a violência e desigualdade de gênero, agora do ponto de vista acadêmico-científico. Não obstante, outro dos objetivos do GT para a criação dessas posições entre o corpo docente foi o de possibilitar, através da atuação das(os) profissionais contratadas(os) no ensino, pesquisa e extensão, também o fornecimento de subsídios e dados teórico-empíricos para políticas institucionais mais robustas e efetivas no combate às assimetrias de gênero. O reforço de pesquisa no campo de gênero tinha também o objetivo de se somar ao recém estabelecido grupo de pesquisa sobre relações étnico-raciais, com docentes pesquisadores do tema, sobretudo os que foram admitidos pelo concurso 145/2016, pioneiro em aplicar reserva de vagas para negros na contratação docente.

O GT de gênero teve sessenta dias para suas reuniões e deliberações. Foram realizados três encontros presenciais com a presença dos seus membros entre os meses de abril e maio de 2017; no entretanto das reuniões, os membros avançaram as discussões sobre o tema nos respectivos Centros que representavam.

Na primeira reunião, os membros do GT sinalizaram a importância da formação de grupos de pesquisa que tratassem da questão de gênero e sua relação com as ciências sociais e “duras”, atendendo aos objetivos da UFABC de excelência, inclusão e interdisciplinaridade. Também foi avaliado oportuno aproveitar o momento de decisão sobre a temática das vagas do edital 227/2016 da UFABC referente à contratação de 40 docentes para os três Centros. Foi apresentada, nesta reunião, uma proposta de edital para a realização de um concurso com o tema *Ciência, epistemologia e estudos de gênero* no âmbito do CCNH, motivando a elaboração de uma proposta semelhante junto ao CECS, inicialmente intitulada *Ciência, tecnologia e estudos de gênero*, para uma vaga mista das Engenharias. A opção pelas engenharias para realização de edital exclusivo de concurso derivou da constatação de que a ambas as problemáticas da representatividade e da pesquisa em gênero tinha um maior déficit nessa área do que nas ciências sociais. Também se sinalizou a possibilidade de aproveitamento de uma vaga das humanidades para candidatas(os) aprovadas(os) em editais encerrados mais ainda válidos com comprovada contribuição nos estudos de gênero.

Na segunda reunião do GT, um dos focos foi a construção e o estreitamento de laços com grupos de pesquisa que abordam a temática de gênero tanto no Brasil quanto no exterior. Nesse sentido, foi realizada uma primeira aproximação a um grupo de pesquisadoras da Universidade da Califórnia (*campus* de Santa Cruz), referência mundial em estudos de gênero. Outro ponto apresentado nesta reunião foi a contribuição de cada Centro à questão de gênero: possibilidade de abertura de concursos para Professor Adjunto no CECS e CCNH e de organização de eventos científicos e de conscientização da comunidade no CMCC.

Por fim, na terceira reunião, foi feita uma síntese dos resultados obtidos por este GT, discutiu-se a estrutura do relatório final, apresentado à Comissão de Vagas da UFABC, e foram aventadas possibilidades para iniciativas futuras, considerando o curto e o médio prazo, conforme discutido a seguir.

#### **4. Resultados alcançados pelo GT de gênero**

Do ponto de vista docente, o debate de gênero e ciências vinha sendo travado na UFABC a partir de esforços individuais. Esses assuntos foram introduzidos, por exemplo, em módulos em determinadas disciplinas que se prestam à discussão de gênero sob perspectivas acadêmico-científicas, tais como “Bases Epistemológicas das Ciências Modernas” e “Evolução e Diversificação da Vida na Terra”, ambas disciplinas obrigatórias dos Bacharelados Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia e em Ciências e Humanidades. O objetivo fundamental do GT, citado anteriormente, foi o de institucionalizar essas iniciativas individuais, organizando, a partir da abertura de vagas em concursos, uma área de investigação que pudesse contemplar as necessidades do ensino, pesquisa e extensão em estudos de gênero.

Um ponto importante que fomentou a defesa da abertura das referidas vagas diz respeito também ao aumento da proporcionalidade entre os gêneros no corpo docente da UFABC, ainda que tais vagas não sejam especificamente voltadas a profissionais mulheres. A Tabela 1 mostra a proporção entre o número de docentes homens e mulheres na Universidade, apresentando a relação entre o número de docentes homens e mulheres por cada Centro (respectivamente CCNH, CECS e CMCC).

É notório que outras iniciativas devem ser constantemente fomentadas até que se alcance a justa proporcionalidade de gênero, mas estas fogem do escopo específico da proposta do GT constituído (e do presente relato). As vagas que se desenharam pretendiam, sobretudo, ampliar qualitativamente o debate da investigação sobre gênero dentro das próprias ciências ditas “duras”. Desta forma, a vaga para docente proposta teria como objetivo a construção de um campo ainda incipiente na pesquisa científica brasileira, além de possibilitar a convergência de interesses entre diversos docentes e pesquisadores da própria universidade e de outras instituições e entidades, fomentando o trabalho interdisciplinar que é característico do projeto pedagógico da UFABC.

Um dos modelos que tomamos como referência foi o da Universidade de Santa Cruz,

na Califórnia, EUA: o Departamento de Pesquisa voltado a estudos de gênero tem como características fundamentais a interdisciplinaridade entre os campos de conhecimento, a pluralidade de perspectivas epistemológicas, a fundamentação científica na perspectiva de gênero no campo das ciências, a interface inovadora entre ciências naturais, humanas e artes e o desenvolvimento de políticas igualitárias a partir da própria produção de conhecimento. Outro modelo foi o centro de Inovações de Gênero na Ciência, Saúde e Medicina, Engenharia e Meio-Ambiente (Gendered Innovations), cujo projeto foi iniciado na Universidade de Stanford, EUA, em julho de 2009. Iniciativas análogas têm se disseminado pelo mundo.

Especificamente em cada um dos três Centros da UFABC, os principais resultados obtidos pelo GT foram:

#### **4.1. Centro de Ciências Naturais e Humanas (CCNH)**

No CCNH, o GT apresentou uma proposta de abertura de vaga de concurso intitulada “Ciência, epistemologia e estudos gênero”. Para justificar a pertinência do debate, foi feito um resumo sobre as principais características desta área de pesquisa: a pertinência do debate em torno das *hard sciences* e os estudos de gênero, as metodologias e conceitos fundamentais, a interdisciplinaridade estrutural deste campo de pesquisa, o histórico dos principais institutos internacionais de pesquisa, nomes de pesquisadores importantes e o caráter de inovação de uma abertura de área de pesquisa neste campo no Brasil – conciliando, assim, a proposta com os fundamentos da UFABC de interdisciplinaridade, inclusão e excelência. Na discussão ocorrida em diferentes instâncias da Universidade, outras ideias se somaram à proposta, como o indicativo de fortalecimento desta linha de pesquisa no Centro por meio da criação de um grupo de pesquisa com parcerias internacionais. A proposta da criação da vaga foi aceita pelos coordenadores de cursos de graduação ligados ao CCNH, que viram na área de estudos de gênero um importante campo de pesquisa e de políticas afirmativas na UFABC.

A vaga foi aprovada no âmbito do CCNH e também nas instâncias superiores. O edital, publicado no Diário Oficial da União em 07 de agosto de 2017, foi aberto na área Interdisciplinar, consideradas as Ciências Biológicas, Química, Física, Filosofia ou qualquer outra área do conhecimento que trate cientificamente de estudos de gênero, dialogando sinergicamente com diferentes áreas disciplinares. Para a vaga, o seguinte conteúdo programático foi considerado:

- a) Ciência moderna e estudos de gênero: campo de debate, conceitos e desafios;
- b) Objetividade e conhecimento situado nos estudos de gênero;
- c) Ciência, tecnologia e sociedade;
- d) Evolução, diversidade biológica e natureza humana;
- e) História das ciências na perspectiva de gênero;
- f) Gênero, raça e representações da natureza;
- g) Bases epistemológicas da ciência moderna;
- h) Divulgação científica e gênero;

- i) Ciência e ética na pesquisa científica;
- j) Interdisciplinaridade, ciência e estudos de gênero.

#### **4.2. Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas (CECS)**

No CECS, o GT apresentou uma proposta de abertura de vaga de concurso mista das engenharias inicialmente na área “Ciência, tecnologia e estudos gênero”. Da mesma forma que no CCNH, foi exposto o problema da baixa representatividade das mulheres no Centro e o histórico do GT de gênero, enfatizando a necessidade de se atrair especialistas que tratem epistemologicamente de questões de gênero nas engenharias. Foram lembradas não somente as organizações de engenheiras no Brasil e no mundo, mas também a existência de centros inovadores de pesquisa, como o da Universidade de Stanford supracitado.

A vaga para docente proposta tinha como objetivo auxiliar na construção de um campo inédito na pesquisa científica brasileira, além de possibilitar a convergência de interesses entre diversos docentes e pesquisadores das engenharias da instituição, fomentando o trabalho interdisciplinar. Nas discussões sobre o tema em duas reuniões, concordou-se em se somar outras ideias e necessidades do CECS à proposta, que deveria se voltar também para atender temas das disciplinas comuns das engenharias. Foi criado um grupo de trabalho com coordenadores dos cursos de engenharia interessados em formular o edital do concurso, cujo título abordaria a temática de gênero e a discussão apontaria para um caminho em torno das ciências mecânicas. O concurso com a temática sobre gênero chegou a ser aprovado. No entanto, dado o diagnóstico de lacunas em outras áreas relacionadas às engenharias e ciências sociais aplicadas, a proposta de vaga para estudos de gênero no CECS foi suspensa, aguardando oportunidade de abertura de novo edital. Diante de necessidades mais imediatas para a composição dos quadros docentes dos cursos, a vaga de gênero foi preterida em relação às outras mais relacionadas ao projeto pedagógico da engenharia, embora não descartada. O GT de gênero ainda apoiou a proposta de duplicação de uma vaga mista das humanidades no CECS, o que tornou possível contratar uma candidata aprovada na área de Políticas Públicas que é especialista em estudos de gênero e demografia.

#### **4.3. Centro de Matemática, Computação e Cognição (CMCC)**

No âmbito do CMCC, a fim de dar visibilidade para a questão da desigualdade de gênero no meio acadêmico, foram aprovadas a realização de dois eventos: (1) “Workshop for Women in Differential Equations”, programado para acontecer na UFABC entre os dias 25 a 27 de julho de 2018 e que será um evento satélite do *International Congress of Mathematicians* de 2018, reconhecido pela comunidade como o evento mais importante da Matemática mundial, entre os dias 1 a 9 de agosto de 2018, no Rio de Janeiro; e (2) o debate “Ensino, pesquisa e viés de gênero na Matemática”, a ser realizado na UFABC em março de 2018. Este evento fará parte do ciclo

de debates “Matemática: substantivo feminino”, iniciado em agosto de 2017 e que ocorrerá até junho de 2018 em diversas universidades e regiões do país, cujos principais objetivos são o de conscientizar a comunidade para os problemas existentes e formular propostas de ações com o intuito de melhorar a participação feminina na área.

Além disso, docentes do CMCC, em parceria com docentes do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, submeteram uma proposta à chamada MCTIC/CNPq Nº 02/2017 para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (cujo tema é “A Matemática está em tudo!”), recentemente aprovada. A referida proposta consiste em organizar a exposição fotográfica “Ela está em tudo!”, em outubro de 2017. Espera-se mostrar a diversidade existente entre as mulheres que gostam de matemática, rompendo com a ideia de que a área é uma ciência entediante ou masculina e, ao mesmo tempo, familiarizar o público não-especializado com conceitos matemáticos de forma lúdica e divertida.

## **5. Próximos passos e considerações finais**

A partir dos pilares centrais da UFABC – quais sejam, interdisciplinaridade, inclusão e excelência –, e da busca por introduzir e garantir a manutenção de posições inovadoras no ambiente universitário, o Grupo de Trabalho teve como resultado final a proposição e aprovação junto aos conselhos superiores da UFABC de três vagas sobre a temática de gênero para contratação docente.

Primeiramente, foi aberta uma vaga de concurso para a contratação de docente efetivo em uma área interdisciplinar (considerando Biologia, Química, Física, Filosofia e áreas afins) voltada ao diálogo entre ciência, tecnologia, epistemologia e feminismo. Com isso, a UFABC fomenta a criação de uma linha de investigação interdisciplinar capaz de tratar cientificamente de estudos de gênero, tanto do ponto de vista biológico quanto histórico-epistemológico, dialogando sinergicamente com as diferentes áreas disciplinares da Universidade. A segunda vaga adveio da expansão de um concurso pregresso na área de Políticas Públicas. Finalmente, a terceira, ainda sujeita a disponibilidade de vaga, foi a aprovação de um concurso futuro sobre engenharia e gênero, possivelmente na subárea Ciências Mecânicas, Tecnologia e Estudos de Gênero. Assim, o próximo passo evidente é a realização dos concursos para a contratação dos professores. A expansão de vaga já foi realizada, portanto a UFABC já conta com uma pesquisadora para estudos de gênero atuando no campo das humanidades.

Para além disso, um dos cuidados tomados no GT foi o de apontar novas possibilidades para o desenvolvimento de iniciativas relativas a estudos de gênero em diferentes âmbitos acadêmicos.

Com tal objetivo, foi organizada uma lista de contatos nacionais e internacionais com vistas à criação de um grupo de pesquisa interdisciplinar, submetido ao diretório de grupos de pesquisa do CNPq, nesta área. Dados os primeiros resultados do GT, considerou-se relevante continuar os trabalhos, agregando novos docentes ao grupo inicialmente formado, além de

alunos de pós-graduação e graduação, técnicos-administrativos, funcionários terceirizados e outros interessados da comunidade da UFABC – e também fora dela. Para isso, foi aventada a possibilidade da criação desse grupo de pesquisa chancelado pelo CNPq e formalmente ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade, voltado a estudos de gênero do ponto de vista científico e epistemológico, bem como a outros temas diretamente relacionados à desigualdade (sexismos, racismos, especismos). No momento de submissão do presente artigo, os contatos com pesquisadoras e pesquisadores brasileiros e estrangeiros estavam sendo feitos.

Essa rápida e frutífera jornada do GT de gênero também trouxe aprendizados que podem ser tomados como referência para situações similares. Percebeu-se a necessidade constante da ciência e tecnologia atenderem às demandas sociais, bem como de seus praticantes estarem atentos aos resultados da prática científica na sociedade. Como demonstrado, foram os abusos e a violência que alarmaram a comunidade acadêmica para encontrar iniciativas sobre a questão de gênero, bem como evidenciaram a importância de contratação de pesquisadoras especialistas para liderar tais atividades e estudos. Nesse contexto, a noção de “conhecimento situado”, discutida no início deste artigo, adquire um conteúdo histórico decisivo: tomar a experiência vivida como *locus* para produção de conhecimento permite mobilizar o conhecimento material e intelectual para restabelecer o nexos entre ciência, sociedade e justiça.

A cooperação acadêmica também se mostrou essencial no processo, especialmente fortuita por agregar mulheres e homens de todas as categorias e diversas áreas da ciência. A união e a mobilização das mulheres, contrapondo-se em muitos momentos ao machismo e enfrentando situações delicadas, foi essencial para pressionar politicamente a consecução de suas demandas e conscientizar a comunidade da importância de sua pauta. Os conselhos superiores da universidade mostraram-se bastante sensíveis e dispostos a melhorar processos e gestão, encontrando o arranjo ideal para o planejamento de políticas institucionais através dos grupos de trabalho.

Também é notável que as questões de gênero ainda não são bem compreendidas, nem tampouco aceitas, por boa parte das pessoas na academia. Por um lado, ainda remanesce uma visão antiga de ciência, departamental e disciplinar, acostumada a perseguir uma objetividade crua e neutra que na prática não existe, além de distinguir forçadamente o homem do restante da natureza (em alguns casos, também incapaz da autocrítica epistemológica) (Haraway, 1989; SCHIEBINGER, 2001). Dado esse quadro, fica claro que os estudos de gênero precisam ser aprofundados e divulgados, desde um ponto de vista interdisciplinar e inclusivo, para esclarecer à comunidade acadêmica e, finalmente, conseguir a aprovação das suas demandas.

## Referências

ARDITTI, Rita. Feminism and science. In: ARDITTI, Rita; BRENNAN, Pat; CAVRAK, Steve (Eds.), **Science and liberation**. Boston: Beacon Press, p. 350-368, 1980.

BAZZO, Walter A. et al. **Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**.

Madrid: Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), 2003.

BOWLER, Peter J. Biology and human nature. In: Bowler, Peter J.; Pickstone, John V. **The Cambridge history of science: the modern biological and earth sciences**, New York: Cambridge University Press, v. 6, p. 563-582, 2009.

FERNANDES, Sabrina. Assessing the brazilian workers' party. **Jacobin**, New York, v. 25, p. 84-88, 2017.

FRANCIONE, Gary L. **Introdução aos direitos animais**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

GUATTARI, Felix. **Les trois ècologies**. Paris: Editions Galilée, 1989.

HARAWAY, Donna. Situated knowledge: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist studies**, New York, v. 14, p. 575-599, 1988.

HARAWAY, Donna. **Gender, race and nature in the world of modern science**. New York: Routledge, 1989.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 07-42, 1995.

HARDING, Sandra. **The science question in feminism**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1986.

HARDING, Sandra. Rethinking standpoint epistemology: what is strong objectivity. In: Alcoff, Linda; Potter, Elizabeth (Eds.) **Feminist epistemologies**. Routledge, New York-London, p. 49-82, 1993.

JACOBS, Jerry A. Gender inequality and higher education. **Annual review of sociology**, New Jersey, v. 22(1), p. 153-185, 1996.

JAGAR, Alison M.; YOUNG, Iris M. **A companion to feminist philosophy**, Hoboken, NJ: Blackwell Publishing, 1999.

KELLER, Evelyn F. **Reflections on gender and science**. New Haven: Yale University Press, 1985.

KELLER, Evelyn F. The gender/science system: or, is sex to gender as nature is to science? **Hypatia**, New Jersey, v. 2(3), p. 37-49, 1987.

KELLER, Evelyn F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 27, p.13-34, 2006.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa B. (org). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

MEMMI, Albert. **Portrait du colonisé**. Paris: Payot, 1973.

NAGLE, Angela. **Kill All Normies**: online culture wars from 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right. United Kingdom: Zero Books, 2017.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11(3), p. 647-54, 2006.

PAIXÃO, Marcelo. **500 anos de solidão: estudos sobre desigualdades raciais no Brasil**. Curitiba: Editora Apris, 2013.

POMBO, Olga; LEVY, Teresa; GUIMARÃES, Henrique. **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**, 2. edição. Lisboa: Texto Editora, 1994.

SANTOS, Charles Morphy D. **O hipopótamo de tal: reflexões sobre o conhecimento científico**. São Paulo: Métis Produção Editorial, 2015.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista. In: COSTA, Ana Alice e SARDENBERG, Cecilia. (Orgs.) **Feminismo, ciência e tecnologia**. Salvador, REDOR/NEIM/UFBA, p. 89-120, 2002.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2001.

SEN, Amartya. The many faces of gender inequality. **New Republic**, p. 35-39, 2001.

SINGER, Peter. **A darwinian left**: politics, evolution and cooperation. New Haven and London: Yale University Press, 1999.

UFABC. **Projeto Pedagógico Original**. Disponível em: <<http://www.ufabc.edu.br/>> . Santo André, 2006.

VETTER, Betty M. Women in the Natural Sciences. **Signs**, Chicago, v. 1, n. 3, p. 713-20, 1976.